

Educação Emancipadora Para A Geração Dos 15 Segundos Das Mídias Sociais

Raquel Serra Rebouças
Universidade Salvador (UNIFACS), Brasil
Marta Cardoso de Andrade
Universidade Salvador (UNIFACS), Brasil

Resumo:

Este artigo objetiva analisar a difícil relação entre a educação com bases cidadãs e emancipatórias e atual geração de jovens. Para tanto, além de se desenvolver em estudos acerca da teoria do discurso, visa analisar a necessária relação com o outro para a comunicação. Além de demonstrar as questões sociais que permeiam esta geração baseada em 15 segundos dos stories, este artigo busca estudar possibilidades de uma relação entre os dois polos apresentados: a educação emancipatória e os tiktokers.

Palavras-chave: *Mídias Sociais; Educação Emancipadora; Triângulo Retórico; Sociedade da Transparência.*

Date of Submission: 09-07-2023

Date of Acceptance: 19-07-2023

I. Introdução

A educação emancipatória (EE) é tema recorrente de discussões pedagógicas, ao se objetivar estratégias de implementação de um modelo de escola que se valorize a cidadania, buscando, assim, o exercício da liberdade política do estudante, para além do partidarismo, mas sim, um entendimento do que é um cidadão socialmente ativo, entendendo os desdobramentos da sua realidade. Entretanto, a pedagogia encontra-se de frente com uma geração que se desenvolveu junto às mídias sociais (MS), mais especificamente, o *TikTok*.

Cabe definir o que vem a ser uma MS, para Terra (2010, p. 42), é aquela que é “(...)utilizada pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na web com fins de compartilhamento de opiniões, ideias, experiências e perspectivas. (...) Interesses afins e similaridades temáticas norteiam formação de redes estruturadas de usuários no ciberespaço”.

Para iniciar o desenvolvimento das problemáticas que envolvem a geração *TikTok* e a busca dessa EE, este artigo irá perpassar na construção do triângulo retórico de Aristóteles, no qual se faz necessário examinar o outro, denominado de *páthos* (o receptor) para a construção do discurso. Em primeiro tópico, também se expõe conceitos de Perelman (2005), ao tratar do auditório para a adaptação dos discursos.

Ao se focar na análise dos filósofos e sociólogos sobre a modernidade e a geração atual, cercada das MS e com pouca profundidade nas relações de comunidade. Fica latente as diferentes perspectivas da educação emancipadora, proposta por importantes pedagogos como Paulo Freire, e os interesses que buscam os jovens ao se informarem através do *TikTok*.

Entretanto, a Constituição Federal vai assegurar que a educação deve buscar garantir dois aspectos, o preparo para o mercado de trabalho e para o exercício da cidadania. Então, o terceiro ponto a ser discutido no desenvolvimento deste artigo é a busca de um “*match*” (da língua inglesa, traduzido como “combinação”; nas redes sociais digitais, se popularizou por causa do aplicativo de encontros *Tinder*, que utiliza a expressão “dar *match*”, seria próximo ao combinar, formar um bom par com alguém)entre estes dois âmbitos distintos, a educação emancipadora e a atual geração de jovens, para que assim a educação seja cumprida conforme os ditames constitucionais.

A garantia desta educação deve ser estudada do ponto de vista político, visto que os moldes educacionais que são postos às crianças de hoje irão influenciar diretamente no adulto de amanhã. Portanto, deve-se levar em consideração qual a qualidade de ensino político que é oferecida à população mais jovem do país.

Em tempos de frequentes ameaças aos direitos fundamentais, faz-se necessária a educação dos jovens, nas escolas, acerca do que é ser cidadão, evitando, assim, a propagação de uma sociedade de analfabetos políticos, sendo esses meros reprodutores de discursos prontos das redes sociais digitais (RSD).

Então, questiona-se qual o caminho para a reestruturação da educação no sistema brasileiro, a fim de que se proponha uma escola cidadã, ultrapassando os métodos de ensino seculares que se encontram dentro das

escolas atualmente, para que assim o estudante possa se interessar pelos assuntos para além de um *post* no *Instagram*.

Diante deste cenário, levantou-se a seguinte questão norteadora para o estudo ora empreendido, a saber: deve haver uma adaptação dos discursos emancipatórios para que atenda as demandas da nova geração?

O objetivo geral da pesquisa é analisar uma possibilidade de ensinar para a geração dos “15 segundos das mídias sociais” a educação cidadã e política apresentada pelos teóricos da Pedagogia. Além dos objetivos específicos de analisar as bases da teoria do discurso, demonstrar a falta de participação da atual geração dentro dos cenários políticos e buscar a construção da comunicação entre a educação, cidadania e a atual juventude das MS.

Através da metodologia do trabalho, que é de compilação, fora realizada reunião e análise crítica de referências bibliográficas selecionadas acerca construção social da atual geração. Ainda no que concerne, quanto ao procedimento técnico utilizado, adotar-se-á o levantamento bibliográfico sobre o tema proposto, bem como foi empreendido um breve estudo discursivo baseado na Análise do Discurso de linha francesa para abarcar o objeto de estudo.

Em análise simples da dos fundamentos da educação, fica latente a necessidade de se discutir as maneiras de se aproximar os dois polos que se propõe estudar este artigo.

II. A retórica na educação e a teoria do discurso *offline*

Para desenvolver a análise acerca da falta comunicação entre a atual geração e as bases da educação emancipatória, faz-se necessário compreender teorias de formação do discurso.

Dentro da busca das estratégias de convencimento e de formação dos debates e embates, resgata-se a Retórica, como proposta por Aristóteles (1998), para responder as demandas e necessidades da argumentação para a sociedade moderna. Esse vai responder que a Retórica é

(...) a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim persuadir (...) apreço ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada. E [sic] por isso afirmamos que, como arte, as suas regras se não aplicam a nenhum gênero específico de coisas. (Aristóteles, 1998, pp. 48-49)

Esse filósofo da Antiguidade vai caracterizar três importantes figuras que formam o triângulo retórico: o orador, *ethos*; o ouvinte, *páthos*; e o próprio discurso, *logos*. A identificação destes elementos torna-se essencial para a formação da teoria do discurso aristotélico. Então, este artigo se debruça na apresentação desses elementos, para, a partir daí, relacionar com as bases de uma educação voltada para a cidadania.

Para legitimar o discurso, esse deve ser construído de tal maneira a transmitir a impressão de que o orador é merecedor de fazê-lo, ou como defendia o próprio Aristóteles (1998, p. 22) “(...) é digno de fé”. Assim, o *ethos* constrói o discurso de maneira que o torna digno de crédito por parte do auditório, pois os oradores considerados honestos convencem mais rapidamente sobre os assuntos tratados. Esse pensador

(...) acreditava que o ser humano está sempre mais propenso a crer com maior firmeza, convicção e de maneira mais rápida em pessoas tidas como de bem e honestas (...), ou seja, um dos segredos da persuasão está no orador passar uma imagem favorável de si mesmo, imagem essa que deve seduzir o auditório e captar a benevolência e a simpatia deste (Andrade, 2020, pp. 41-42).

Ainda se destaca que

Ao lidar com a verossimilhança, Aristóteles tem em vista que o *ethos* de cada retor possa vibrar socialmente a fim de decidir o que é mais viável para cada caso, cada situação, cada ocasião em sociedade, o que também pode ser motivado pelas funções hermenêutica, heurística e pedagógica da retórica. (Lima, 2011, p. 59)

Dentro da construção do cognitivo do *ethos*, ainda é importante destacar ao relacionar com a educação a *phrónesis* que equivale à sabedoria, pois, o orador passa a confiança, passa a ser digno, quando se está imbuído de conhecimento (Andrade, 2020).

Desse modo, para estudos do orador, é necessário ainda que se analise também o seu auditório, ou o *páthos*, que é aquele que recebe a informação passada. Assim, destaca-se que conhecer o seu auditório, ou o seu *páthos* – de acordo com o triângulo retórico – torna-se indispensável para obter o sucesso do convencimento.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) afirmam que o auditório é a junção de vários ouvintes, podendo, inclusive ter pensamentos heterogêneos sobre o mesmo tema, destacando-se que o que vale para cada ouvinte em particular não é menos válido do que aquilo que se pretende com o auditório. Sobre isso, refletem que

É muito comum que o orador tenha de persuadir um auditório heterogêneo, reunindo pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções. Ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. É a arte de levar em conta, na argumentação, esse auditório heterogêneo que caracteriza o grande orador. (Perelman & Olbrechts-Tyteca, (2002, p. 24)

Ainda destacam que

A argumentação [*logos*] efetiva tem de conceber o auditório presumido tão próximo quanto o possível da realidade. Uma imagem inadequada do auditório, resultante da ignorância ou de um concurso imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis consequências. Uma argumentação considerada persuasiva pode vir a ter um efeito revulsivo sobre um auditório para o qual as razões pró são, de fato, razões contra. O que se disser a favor de uma medida, alegando que ela é capaz de diminuir a tensão social, levantará contra tal medida todos os que desejam que ocorram distúrbios. (Perelman & Olbrechts-Tyteca, (2002, p. 22)

É exatamente sobre essa adaptação do discurso que se desenvolve o *logos*, que é o argumento apresentado, adaptado ao auditório. Sobre o ato de argumentar, então, pode-se afirmar que esse pressupõe um orador (*ethos*), um discurso (*logos*) e um auditório (*páthos*), salientando-se, todavia, que as premissas da argumentação não são evidentes, mas resultam de um acordo entre quem argumenta com o seu auditório. Então, destacam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 23) que

As premissas da argumentação consistem em proposições admitidas pelos ouvintes. Quando estes não estão ligados por regras precisas que os obrigam a reconhecer certas proposições, todo o edifício de quem argumenta funda-se apenas num fato de ordem psicológica, a adesão dos ouvintes. Aliás, esta é, o mais das vezes, apenas presumida pelo orador. Quando as conclusões deste último desagradam aos seus interlocutores, eles podem, se assim julgarem útil, opor a essa presunção de acordo sobre as premissas uma denegação que terá o efeito de minar toda argumentação pela base.

Formadas as bases para a construção do triangulo retórico de Aristóteles ([V a.C.] 1998), neste trabalho, vai relacioná-lo com a educação, ao passo em que se destaca a importância do diálogo crítico e criticizador dentro do processo educacional de Paulo Freire ([1967] 2022). Então, dentro da nossa sociedade de transição, como traz o pedagogo, é indispensável uma educação capaz de colaborar com a formação do pensamento crítico, organizando, de maneira reflexiva o pensamento (Ibid.).

Ao retratar a importância do diálogo, Freire ([1967] 2022, p.141) afirma que

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E [sic] quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

Assim, é através do diálogo que o sujeito pode-se compreender como ativo em sua e com sua realidade, atuando na formação e compreensão da cultura (FREIRE, ([1967] 2022). Apenas quando imbuído de conhecimento e educação, é que o cidadão (*ethos*) terá a capacidade de reconhecer o outro (*páthos*) para dialogar (*logos*).

Urge, então, entender sea geração tiktoker (*ethos*), movida por MS como a própria adjetivação indica, tem formação cidadã o suficiente para reconhecer o outro (*páthos*) e formular sua argumentação (*logos*) baseada nesse outro.

III. Osoft block- remover seguidor -da geração atual nos estudos voltados à política

Para estudar a possibilidade de formulação dos discursos para a atual geração, faz-se necessário aprofundarmos estudos sociológicos que tratem do tema.

Inicialmente, para se estudar as estruturas da nova forma de convivência, é necessário entender a mudança dos conceitos de comunidade para as chamadas redes. Nota-se que se passou de uma sociedade de produtores para uma de consumidores, individualizantes e desregulados, como destacam Bauman e Donskis (2019). Esses ainda afirmam que,

Em gritante oposição às comunidades, é tão fácil entrar como sair delas; em vez de negociar os princípios da convivência, como as comunidades são forçadas a fazer em função de sua densidade e da busca de duração, as redes tendem a contornar a necessidade de discutir e impor termos mediante a alternativa da divisão e separação, seguida pela quebra da comunicação. (Bauman&Donskis, 2019, p. 31)

Bauman e Donskis (2019), ao analisar a modernidade líquida e a consequente formação do “mal líquido”, afirmam que esse mal vai estar à espreita nos incontáveis buracos negros de um espaço social profundamente desregulamentada. Mais ainda, Michea, (2007 apud Bauman&Donskis, p. 50) assevera que

(...) é possível escapar à guerra de todos contra todos se a virtude é simplesmente uma máscara para o egoísmo, se não se pode confiar em ninguém e só se pode contar consigo mesmo? Essa é decididamente a questão inaugural da modernidade – essa estranha civilização que, pela primeira vez na história, pretendeu sustentar seus avanços na desconfiança metódica, no medo da morte e na convicção de que amar e doar são atos impossíveis.

O consequente produto da modernidade líquida de Bauman(2021) é uma geração embasada numa busca incansável de relações transparentes, as quais eliminam de si toda e qualquer negatividade, se tornando rasas e planas, se encaixando no curso raso do capital, da comunicação e da informação (Han, 2017).

Em retrato da sociedade dos 15 segundos do *TikTok*, tem-se que

A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho (Han, 2017, p. 11).

Atualmente, demonstra-se que o próprio algoritmo das redes sociais apresenta para o usuário apenas o que se baseia nas suas curtidas anteriores, formando uma bolha de pessoas que compartilham dos mesmos pensamentos, excluindo, assim, à análise, o outro.

Para que se possa desenvolver o apagamento deste outro dentro das perspectivas da atual geração, é necessário entender algumas concepções de divisão do aparelho psíquico, desenvolvidos por Freud. Assim, quando passamos a analisar o Eu e o Id, tem-se que

Um indivíduo é então, para nós, um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcp, seu núcleo. Se buscamos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Id, mas apenas à medida que o sistema Pcp forma a sua superfície [doEu], mais ou menos como o “disco germinal” se acha sobre o ovo. O Eu não é nitidamente separado do Id; conflui com este na direção inferior. (Freud, 2011, pp. 21-22)

Então, pode-se descrever o Id como aquele movido pelo princípio do prazer, o Id é a parte da mente que quer gratificação imediata de todos os seus desejos e necessidades. Assim, caracteriza-se o Id como

(...) a única parte da nossa personalidade que é totalmente inconsciente, onde se escondem nossos pensamentos mais grosseiros. Assim como um vilão de histórias em quadrinhos, o id não conhece freios morais nem dá bola pra ética da sociedade. Só quer buscar satisfação – o que, claro, não é uma possibilidade realista se você não for um vilão e HQ. Se fossemos guiados só pelo princípio do prazer, saíamos pela rua estuprando – para satisfazer um desejo sexual momentâneo -, roubando – a versão adulta do bebê que pega o brinquedo do colega sem autorização -, agredindo, rindo em horas impróprias, comendo e bebendo até vomitar, ingerindo drogas até overdose. Seríamos violentos e tarados. (Carvalho, 2021)

Em contraponto, o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, ou seja, ele exerce o esforço de adaptar a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenhando-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer (Freud, 2011). O Ego (ou Eu), então,

(...) se baseia no princípio da realidade. É uma espécie de mediador entre a impulsividade do id e as condições externas, fazendo a interação entre a sua personalidade e as leis do seu país, a cultura do seu tempo, as regras de etiqueta e as normas do bom convívio. (p. 44)

Entretanto, os problemas de convivência se desenvolveram a partir do momento em que se entende e se caracteriza o Super-Ego, ou o Super-Eu, que segundo Freud,

(...) o surgimento dessa instância repressora tem tudo a ver com o complexo de Édipo. Num primeiro momento da nossa infância, quando esse complexo está a todo vapor [sic], nossos impulsos são contidos pela autoridade dos pais, que estão sempre alternando suas provas de amor com advertências e punições - a menininha que acha graça em jogar iogurte no chão, e lá vem uma reprimenda para acabar com a alegria. Quando, então, a criança supera o complexo de Édipo – e seu universo passa a se estender para além da relação com os pais – essas proibições são internalizadas. (Carvalho, 2021)

Assim, quando analisamos a atual geração, a sociedade da transparência, o Eu vai negar precisamente aquilo que o inconsciente afirma e deseja irrestritamente. O Id permanece amplamente oculto no Ego. Assim, a psique humana é aberta uma fissura que não vai deixar o Ego coincidir consigo mesmo. Impossibilitando a autotransparência (HAN, 2017).

Nesse cenário,

A coerção por transparência estabiliza o sistema existente de maneira bastante afetiva. Em si a transparência é positiva. Dentro dela não se encontra qualquer negatividade que pudesse colocar em questão o sistema político-econômico vigente; ela está cega em relação ao lado exterior do sistema; simplesmente confirma e otimiza o que já existe. Por isso, a sociedade da transparência caminha de mãos dadas com a pós-política. Totalmente transparente só pode ser o espaço despolitizado. (Han, 2017, p. 23)

Desse modo, a falta de política e sociabilidade dentro da tida sociedade da transparência, bloqueia a alteridade e a empatia dos jovens, o que dá lugar a discursos de ódio e apagamento daquilo que é diferente.

Ainda Han(2017) trata do extremo narcisismo em que se mergulha a nossa sociedade:

Para Sennett, as perturbações narcisistas estão crescendo muito em nossos dias “poque a sociedade atual organiza psicologicamente seus processos de expressão internos, minando o sentido para interações sociais com sentido fora dos limites do si-mesmo [sic] individual”. A sociedade da intimidade elimina sinais rituais, cerimoniais nos quais escapa de si, se perde. Nas experiências encontramos o outro; mas na vivência, ao contrário, sempre encontramos a nós mesmos. O sujeito narcísico não pode colocar um limite a si mesmo; os limites de si mesmo desaparecem. Por isso ele não consegue fazer surgir uma imagem estável do si-mesmo [sic]; funde-se de tal forma em se que não se torna possível jogar consigo mesmo. O narcisista, tornado

depressivo, engole a si mesmo em sua intimidade ilimitada. Não há qualquer vazio ou distância que consiga distanciar o narcisista de si mesmo. (p. 84)

Para além, ao analisar essa formação de sociedade focada apenas em suas próprias convicções e realidade, Bauman e Donskis(2019) vão trazer esta falta de empatia e visão do próximo como uma privatização das utopias, pelas quais nenhuma sociedade é boa ou justa, pois se cria crença de que apenas histórias de vida individuais podem ser histórias de sucesso.

Assim, relacionando a geração da transparência, das relações líquidas, do individualismo exacerbado, ou seja, a das mídias sociais, como pode a educação trazer o seu caráter emancipatório, fundado na noção de sociedade e política, para os estudantes que não se interessam em nada para além de um *story* do *Instagram* ou de 15 segundos do *TikTok*.

IV. O ensino das bases da educação emancipadora para além de um *post*

Explicitados os problemas que cercam a atual geração, é necessário que se compreendam as bases da educação emancipadora e cidadã, buscando uma possível relação entre esta e a geração *tiktoker*. Ressalta-se que existe, dentro da escola, um processo de construção e desconstrução de conceitos e, consequentemente, a construção e desconstrução do educando, sendo a educação cidadã de extrema importância nessa formação.

É necessária uma compreensão, o mais ampla e profunda possível, da situação do mundo atual; da lógica que preside fundamentalmente a sociabilidade regida pelo capital; das características essenciais da crise por que passa esta forma de sociabilidade; das consequências que daí advêm para o processo de autoconstrução humana; da maneira como esta crise se manifesta nos diversos campos da atividade humana: na economia, na política, na ideologia, na cultura, na educação; e também da forma como esta crise se apresenta na realidade nacional e local. Isto supõe, por parte de quem faz a educação, uma frequência constante e intensa ao saber produzido pelas ciências sociais. (Tonet, 2005, p. 232)

Dessa maneira, presencia-se hoje uma crise posta em várias instâncias da vida humana e com a educação não seria diferente. Assim, urge que se compreenda a função primária desta forma de sociabilidade, uma sociabilidade mais cidadã, seguindo os ditames constitucionais de direitos e deveres fundamentais, ao ponto que

(...) a articulação é, sem dúvida, necessária, mais ainda porque o avanço no cumprimento da tarefa mais essencial da educação que, como vimos, é a apropriação daquelas objetivações que constituem o patrimônio comum da humanidade, não depende só e nem principalmente da atividade educativa, mas no progresso na luta, realizada pelo conjunto das classes subalternas, para contrapor-se à hegemonia do capital. Ou seja, muitas das condições para a realização da atividade educativa são externas ao campo da própria educação e só podem ser conquistadas com uma luta mais ampla, no entanto a concretização desta articulação é, hoje, uma tarefa extremamente difícil e complexa. Por isso mesmo deve-se evitar que, como contraponto às dificuldades objetivas, se dê uma ênfase excessiva ao momento da subjetividade, caindo-se naquelas formulações baseadas em um dever abstrato. (Tonet, 2005, p. 236)

Compreende-se, então, que o processo educacional estabelecido, o qual poderia se opor àquela crise, seria a de uma educação que pressuporia uma visão crítica e cidadã frente as questões inerentes à pós-modernidade. Então, como destaca Paulo Freire(2022, p. 118),

Das mais enfáticas preocupações de uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, entre nós, haveria de ser a que oferecesse ao educando instrumentos com que resistisse aos poderes do “desenraizamento” de que a civilização industrial a que nos filiamos está amplamente armada. Mesmo que armada igualmente esteja ela de meios com os quais vem crescentemente ampliando as condições de existência do homem.

Dessa forma, o que se observa é que o processo educativo deveria possibilitar o enfrentamento das problemáticas apresentadas hodiernamente, inclusive apresentadas pelas RSD, com todas as suas construções de aderência à transparência total e às bolhas construídas pelos já mencionados algoritmos digitais.

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. (Freire, 2022, p. 118)

Como fica demonstrado que, nas bases para uma educação emancipatória, deve haver uma preocupação com o social, a busca do desenraizamento dos conceitos, uma busca pelo entendimento das relações sociais e do capital. Mais uma vez, destaca-se Freire (2022) quando questiona qual a ética que só vale quando a ser aplicada em favor de si próprio, afinal, que estranha maneira de se fazer história e de se ensinar a democracia quando se “espanca” os diferentes para, em nome da democracia, continuar gozando da liberdade de “espancar”.

Então, tendo em vista a construção da sociedade da transparência, na qual existe o apagamento; o NHA (não há alternativa) (Bauman&Donskis, 2019); a busca pela transparência, em que não se encontra qualquer negatividade que pudesse colocar em questão o sistema político-econômico vigente, essa sociedade é cega em

relação ao lado exterior do sistema, que simplesmente confirma e otimiza o que já existe (Han, 2017), pode-se questionar a possibilidade dese “enxergar” espaço para uma educação emancipadora.

Ao se refletir sobre isso, ressalta-se o afirmado pelo autor Umberto Eco, quando assevera que “(...)a internet deu voz a uma legião de imbecis” (Wolf, 2021). Então, em seu romance *Número zero*, Eco (2015) vai trazer a reflexo um tema contemporâneo, qual seja a manipulação midiática, que funciona como um instrumento para enganar os leitores para alcançar os objetivos a que se almeja, provocando pânico generalizado e conduzindo a população às conclusões convenientes à mídia e seus interesses (Cabral, 2020).

Eco (2015) ainda descreve a máquina da lama, que descreve o método utilizado pela mídia para deslegitimar determinada figura por motivos de disputa, difamando a imagem pública deste sujeito social, como ocorre frequentemente na política. Mais ainda, o livro vai tratar de como Colonna, narrador e personagem protagonista, ensina a um grupo de redatores do jornal *Amanhã* como se deve escrever notícias de forma que o leitor seja levado a acreditar nelas, mesmo quando não se trate de um fato real. Igualmente conta a história da fundação daquele jornal cujas notícias tratam de suposições de como os fatos poderiam se desenrolar nos próximos dias do acontecimento jornalístico.

Ao refletir acerca do processo educativo, muito se relaciona *Número zero* (Eco, 2015) com a sociedade atual, na qual se tem uma geração com opiniões embasadas em “manchetes” do *TikTok*, bem como a falta de preocupação com a qualidade da formação política e cidadã desta vai influenciar diretamente no papel que irá desenvolver como sujeito ativo de direitos dentro da sua comunidade.

Sobre isso, ressalta Ivo Tonet(2005, p. 209) que

O pleno desabrochar destas possibilidades, entretanto, é bloqueado e pervertido pelas relações sociais fundadas na propriedade privada. Vale dizer, a divisão social do trabalho é intensificada; o acesso à educação é cada vez mais dificultado; os próprios conteúdos são cada vez mais fragmentados e alienados; o processo educativo é sempre mais submetido às regras do mercado. Disso tudo [sic] resulta uma formação dos indivíduos cada vez mais unilateral, deformada e empobrecida.

O que se nota é que esse fato ocorresimultaneamente ao em que se torna sempre mais distante entre sim a percepção da realidade e do discurso (Tonet, 2005). Enquanto aquela vai ao encontro

(...) da fragmentação, da oposição entre os indivíduos, da guerra de todos contra todos, da exclusão social, do aumento das desigualdades sociais, este intensifica o apelo por uma educação humanista, solidária, integral, cidadã, democrática e participativa. Ora, este discurso não só não é uma forma correta de fazer frente aos aspectos desumanizadores do capitalismo atual, como é muito mais um sintoma do agudo extravio de consciência. Em nosso entendimento, ele está a indicar que a consciência não compreende mais a lógica do processo social e por isso não sabe onde se encontra a sua matriz. Revela também que admite que o sujeito não tem condições de atacar as bases materiais, que são o fundamento da sociabilidade, limitando-se a apontar o dedo acusador aos seus efeitos. O resultado é que quanto menos compreendida e atacada a realidade prática desumanizadora, tanto mais forte o discurso dito humanista, crítico, etc. Ou seja, a intensificação do discurso humanista é, na verdade, a contrapartida da incapacidade de compreender e de mudar praticamente a realidade. (p. 2010)

O chamado por Tonet (2005) de “agudo extravio da consciência” faz-se presente dentro da atual geração por não se preocuparem em estudar e ter como formação uma educação crítica social necessária para formação política emancipadora. Com o tom de exemplificação, destaca-se o problema das *fake news*, dentro da realidade brasileira e mundial, como demonstrativo da necessidade da educação político-constitucional nas escolas.

Cria-se, portanto, uma indústria de perpetuação de notícias falsas, que são abraçadas pelo internauta, sem conhecimento e sem capacidade de reflexão crítica, como verdades absolutas. Resgata-se o anteriormente explanado por Umberto Eco (2015), a Internet deu voz a qualquer pessoa, e a geração da transparência, que não é adepta a uma educação com bases cidadãs, vai escutar e incorporar ao seu leque de opiniões tudo aquilo que ela escuta e concorda, por não ter construído em si o filtro necessário para julgar as informações recebidas.

Diante de tudo que foi levantado, já se pode responder a pergunta norteadora deste estudo. O que conduz a busca da verdadeira racionalidade descrita por Edgar Morin (2011, p. 23) quando traz que essa é

Aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instancia lógica e a instancia empírica; é o fruto do debate argumentado das ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias. O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida, é irracional. A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento. A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências.

Então, o princípio de incerteza racional na educação do futuro, para Morin (2011), é a capacidade da racionalidade da educação se autocriticar. Ao buscar o desenvolvimento do conhecimento científico em esferas que se afastam cada vez mais, deve a educação deve embasar em lastros os quais entende que

O desenvolvimento do conhecimento científico é poderoso meio de detecção dos erros e de luta contra as ilusões. Mesmo assim, os paradigmas que controlam a ciência podem desenvolver ilusões, e nenhuma teoria científica está imune ao erro para sempre. Além disso, o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos. A educação deve dedicar-se, por conseguinte, à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras. (p. 20)

Então, dentro da busca da educação do futuro, adaptada aos vídeos virais e com o objetivo de identificar e sanar as “cegueiras” sociais da geração da transparência, deve-se desenvolver mais pesquisas pedagógicas, evitando a perpetuação de uma sociedade de analfabetos políticos com argumentos baseados em discursos descolados da realidade e, em sua maioria, de ódio ao indivíduo que pensa diferente de si próprio.

V. Considerações Finais

Inicialmente, diante do ante exposto, fica claro que o tema estudado demanda, cada vez mais, pesquisas em que trate da problemática vivida. Assim, este trabalho funciona apenas como um levantamento inicial reflexivo diante da necessidade de pesquisas e desenvolvimento científico que o aprofunde.

Expõe-se, anteriormente, uma conceituação do que é o triângulo retórico e a sua semelhança com as bases da educação cidadã, na qual o estudante deve “enxergar” o outro e a realidade em sua volta, em busca do seu desenvolvimento social e da sociedade em que está inserido.

É a partir deste “enxergar” o outro e o diferente que se desenvolvem os entraves com a geração das mídias sociais, na qual o outro, o diferente, não existe ou é negada a sua existência. Desse modo, as críticas elencadas pelos sociólogos e filósofos abordados neste trabalho se tornam essenciais para que se busque a solução do problema.

Cria-se no texto o contraponto necessário, enfatizando a necessidade de uma pluralidade de pensamentos, bem como um posicionamento reflexivo nas escolas, para tanto, que irão buscar essa postura mais cidadã frente ao que se entende por educação, de maneira assim, que se possa analisar o cenário social atual.

Ao se considerar que é através das políticas públicas que o direito social vai ser concretizado, ressalta-se o papel daquelas e, mais ainda, a necessidade do reconhecimento de adaptação das escolas para englobar o demandado pela geração por ora traçada neste artigo. Dessa maneira, pode-se passar a entender que apenas por intermédio da promoção da educação com abordagem voltada para a cidadania que se adapte as novas realidades geracionais. Essa linha educacional poderá ser a garantida de acordo com os ditames constitucionais, porém se salienta que será apenas através de estudos aprofundados que se poderá pensar em possibilidades em que a educação não sucumba as mídias sociais, mas sim, use-as ao seu favor.

Referências

- [1]. Andrade, M. De. (2020). *O Discurso Circulante Nas Organizações: Teoria E Metodologia De Análise*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas.
- [2]. Aristóteles (1998). *Retórica*. (M. Alexandre Júnior Et Al., Trad.). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa Da Moeda.
- [3]. Bauman, Z. (2021). *Modernidade Líquida*. (P. Dentzien, Trad.). Rio De Janeiro: Zahar.
- [4]. Bauman, Z., & DONSKIS, L. (2019). *Mal Líquido*. C. A. Medeiros, Trad.). Rio De Janeiro: Zahar.
- [5]. Cabral, D. G. (2020). *A Forja Narrativa Em Uberto Eco: Uma Aventura Em Busca Da Experiência Da Verdade*. Ph.D. Thesis, Araraquara, SP: Universidade Estadual Paulista.
- [6]. Colnago, C. K. (2015). *Mídias E Redes Sociais Digitais: Conceitos E Práticas*. In W. C. BUENO. (Org.). *Estratégias De Comunicação Nas Mídias Sociais* (Pp. 3-22). Barueri, SP, Brazil; Manole. Pp. 3-22.
- [7]. Carvalho, A. (2021). *Id, Ego E Superego, Deus E O Diabo Na Terra Do Eu*. Revista Super Interessante [Online]. São Paulo: Editora Abril. URL (Lastchecked 11 November 2022). <https://Super.Abril.Com.Br/Especiais/Id-Ego-E-Superego-Deus-E-O-Diabo-Na-Terra-Do-Eu>
- [8]. Eco, H. (2015). *Número Zero*. (I. Benedetti, Trad.). Record.
- [9]. Freire, P. (2022). *Educação Como Prática Da Liberdade*. 53rd Ed. Paz E Terra.
- [10]. Freire, P. (2022). *Política E Educação*. 5th Ed. Rio De Janeiro: Paz E Terra.
- [11]. Freud, S. (2011). *O Eu E O Id, “Autobiografia” E Outros Textos (1923-1925)*. (P. C. De Souza, Trad.). São Paulo: Companhia Das Letras.
- [12]. Han, B. C. (2017). *Sociedade Da Transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- [13]. Lima, M. A. De. (2011). *A Retórica Em Aristóteles: Da Orientação Das Paixões Ao Aprimoramento Da Eupraxia*. Natal: IFRN.
- [14]. Morin, E. (2011). *Os Sete Saberes Necessários À Educação Do Futuro*. 2nd Ed. São Paulo: Cortez; & Brasília: UNESCO.
- [15]. Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, Lucie. (2005). *Tratado De Argumentação: A Nova Retórica*. (M. E. G. G. Pereira, Trad.). 2nd Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- [16]. Terra, C. F. (2010). *Usuário-Mídia: A Relação Da Comunicação Organizacional E Do Conteúdo Gerado Pelo Usuário*. Ph.D. Thesis, São Paulo: Universidade De São Paulo.
- [17]. Tonet, I. 2005. *Educação, Cidadania E Emancipação Humana*. Rio De Janeiro: Unijuí.
- [18]. Wolf, E. *Umberto Eco E A Legião Dos Imbecis Na Internet*. Fronteiras. URL (Lastchecked 11 November 2022) <https://www.Fronteiras.Com/Leia/Exibir/Umberto-Eco-E-A-Legiao-Dos-Imbecis-Na-Internet>